



APRENDENDO A SER MULHER COM A REVISTA NOVA ESCOLA

Tatiana da Silva Silveira - IFSUL
Angela Dillmann Nunes Bicca - IFSUL

Resumo: Neste texto, desenvolvido sob a perspectiva dos Estudos Culturais de inspiração pós-moderna e pós-estruturalista, discutimos o modo como a Revista Nova Escola coloca em circulação, produz e reproduz uma série de representações culturais (HALL, 1997) de mulheres. Atentamos especialmente para as fotografias componentes da reportagem intitulada “Os pais e a escola - Um futuro melhor”, publicada em abril de 2008, na qual foram publicadas entrevistas com mães de alunos/as de escolas públicas paulistas a respeito dos seguintes pontos: inclusão digital, violência, qualidade do trabalho docente, expectativas para o futuro, entorpecentes nas escolas e sistemas de ciclos. Com essa análise buscamos compreender como é colocada em ação uma forma de Pedagogia Cultural (GIROUX, 1995; KELLNER, 2001) que contribuiria para instituir significações a cerca do gênero feminino (COSTA, 2006; MEYER, 2010; LOURO, 2010).

Palavras-chave: Estudos Culturais, Pedagogias Culturais, Gênero Feminino, Representação Cultural, Mulher.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao abrir as páginas da revista Nova Escola, periódico dedicado a docentes do ensino básico no Brasil, deparamo-nos com representações de mulheres, mães de estudantes de escolas públicas brasileiras, fortemente associadas às tarefas domésticas e ao cuidado com seus/suas filhos/as. Tal leitura das representações culturais que perpassam as páginas da revista Nova Escola partiu das discussões propostas por Giroux (1995) e Kellner (2001) a respeito das Pedagogias Culturais, bem como da análise Costa (2006) sobre o modo como a mesma revista representa os/as professores/as.

Desta forma, para desenvolver a análise proposta abordamos a reportagem intitulada “*Os pais e a escola - Um futuro melhor*” e publicada em abril de 2008, a qual foi composta exclusivamente por entrevistas com mulheres donas-de-casa, mães de crianças e adolescentes que estudam na rede pública de Educação, nos níveis do Ensino Fundamental e Médio de escolas municipais e estaduais da capital paulista. Esclarecemos que a referida reportagem valeu-se de entrevistas e fotografias dessas mães que teceram comentários sobre

os mesmos pontos abordados em uma pesquisa desenvolvida pelo Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial juntamente com a Fundação Victor Civita¹.

Tal leitura das representações culturais de mulheres que perpassam a reportagem destacada advém dos Estudos Culturais com inspiração nas teorizações pós-modernas e pós-estruturalistas. Sob essa perspectiva investigamos os modos como às representações culturais Hall (1997) vêm constituindo discursivamente os objetos de que falam e operando na constituição de identidades e subjetividades.

Valemo-nos também da noção de gênero que busca escapar do conceito de sexo pautado na diferenciação anatômica e morfológica dos corpos humanos, como mostraram Meyer (2010) e Louro (2010). As mesmas autoras (idem) destacaram que o conceito de sexo foi e continua sendo constantemente acionado para explicar e justificar as posições que as mulheres podem ocupar, seja no âmbito do senso comum, seja com a legitimação de alguma linguagem científica, ou ainda, com o aval de diferentes matrizes religiosas. A noção de gênero é a que tem possibilitado investigar como se instituem os modos de ser homem e de ser mulher, rompendo com a compreensão de que o gênero é sempre “colado” a um corpo com uma determinada forma e permitindo argumentar que não há características inatas ou essenciais em cada gênero. Desta forma, como essas autoras (idem) mostraram, a discussão deslocou-se do “corpo em si” para os processos e as relações que permitem tomar a forma do corpo e as suas funções biológicas como explicação para os diferentes posicionamentos sociais, enfim, quaisquer características que se possa associar a um gênero são culturalmente construídas e não biologicamente determinadas.

Desta forma, buscamos indicar como as representações culturais de mulheres em uma revista dedicada a docentes do ensino fundamental podem contribuir para colocar em circulação, produzir e reproduzir uma série de compreensões e significações a respeito do gênero feminino.

MULHERES NA PEDAGOGIA CULTURAL DA REVISTA NOVA ESCOLA

A reportagem, já referida, que tomamos como material de análise é composta por cinco entrevistas com mães de alunos/as de escolas públicas paulistas. Cada uma delas

¹ A pesquisa levantou opiniões de pais (ou responsáveis) de crianças e adolescentes estudantes da rede pública, nos níveis do Ensino Fundamental e Médio de escolas municipais e estaduais da capital paulista, abordando os seguintes temas: inclusão digital, violência, qualidade do trabalho docente, expectativas para o futuro, entorpecentes nas escolas e sistemas de ciclos.

apresenta uma fotografia da mãe entrevistada junto com os/as filhos/as. Destacamos que a composição da reportagem apenas com mães (e nenhum pai) não nos parece um mero acaso. A atribuição da tarefa de educação das/os filhas/os às mulheres, apontadas como naturalmente responsáveis pelo desenvolvimento das crianças e até mesmo culpadas por fracassos ou desvios de conduta que estas venham a ter, foi discutida por Walkerdine (1995) ao abordar algumas representações do gênero feminino no final do século XX. A mesma autora (ibid.) diz que, por um período considerável da história ocidental, “as mulheres representaram o outro da razão” (1995, p.213), ou seja, uma constante ameaça à masculinidade que se caracterizava como um corpo pensante. Com isso a mulher foi constantemente observada e posicionada socialmente como aquela pessoa que deve estimular as crianças em seu desenvolvimento e como culpada caso esse desenvolvimento não venha a ocorrer dentro dos padrões esperados, como também explicou a autora (idem).

Em três das fotografias componentes da reportagem as mães olham diretamente para a câmera colocando-se como as pessoas que assumem com orgulho a tarefa de cuidado e educação dos/as filhos/as.

Na primeira delas a mãe entrevistada tece comentários a respeito da necessidade de garantir acesso aos recursos da informática para as suas filhas. A fotografia produzida em um leve *contre-plongée*² ajuda a colocar em destaque o orgulho dessa mãe em proporcionar às duas filhas o uso de um computador instalado na pequena sala da casa onde residem. Essa seria a forma como a mãe espera cumprir o seu compromisso de ser a facilitadora e a provedora do desenvolvimento educacional de suas filhas.



Na sequência, a reportagem associa mais uma entrevista a um dos temas da pesquisa referida: o valor do bom professor. A mãe entrevistada e fotografada ao lado de seu filho destaca a importância de um bom professor (a reportagem usa a expressão no masculino) para uma escolarização de qualidade. Desta forma, a reportagem marca a posição dessa mãe como a de formadora de um ser cognoscente. Tal representação remete ao entendimento de

² Este ângulo de tomada confere, em geral, superioridade, posição de orgulho, altivez do personagem em relação ao espectador, segundo JOLY (1996).

que, como mães, as mulheres são requeridas para colocar em ação o tipo de cultivo e de desenvolvimento que permitirá que seus filhos tornem-se cidadãos racionais, como explicou Walkerdine (1995). Destacamos, também que a representação das mulheres como guardiãs da afetividade e responsáveis por garantir a educação das crianças (futuros cidadãos da pátria) para que estas se tornem os sujeitos aptos a viver nas sociedades modernas tem sido recorrente tanto nas produções da ficção (literatura, cinema, TV) quanto nos textos científicos. Em muitos casos as mulheres têm sido descritas como um ser inferior, não racional e tido como secundário, serviente, desprovida do brilhantismo, servindo como uma ponte para o sucesso masculino em função de sua tarefa de gerar e educar as crianças (COSTA, 2006; WALKERDINE, 2007).

Outro ponto abordado na reportagem é o sonho de uma vida melhor a ser alcançada a partir da escolarização. É disso que trata a mãe entrevistada e fotografada junto com suas duas filhas nessa parte da reportagem. Mais uma vez é uma mulher que ocupa o lugar de pessoa responsável por proteger e produzir as crianças normais e felizes da família. Assim como nas outras imagens da reportagem, também é a mãe quem está encarregada de agir garantindo que as crianças compareçam à escola, tornando possível o sonho de um futuro melhor.



Observamos que mesmo quando a qualidade do ensino público é discutida mantém-se a esperança na escolarização como forma de garantir o futuro das crianças e dos jovens. Assim, a suspeita de que a escola seria uma instituição obsoleta e em vias de extinção não parece estar ganhando força. Isso sugere que a crença na instituição escolar como elemento central na formação do indivíduo dócil e obediente às leis nunca perdeu força, como nos mostrou Veiga-Neto (2007).

Além dos temas acima, a reportagem apresenta outras duas entrevistas nas quais aborda a violência e a presença de entorpecentes nas escolas. duas fotografias podem-se ver mulheres preocupadas o que já presenciaram nas escolas onde seus/suas filhos/as estudam. A associação que pudemos fazer entre as imagens e os dizeres dessas mulheres nesta entrevistas marcam, mais uma vez, a



Nas
com
duas

responsabilização da mulher/mãe pela educação e defesa da integridade dos/as filhos/as.



POR FIM ...

A mescla de texto visual e verbal a que recorreu a reportagem discutida aqui contribuiu para produzir e coloca em circulação representações culturais de mulheres que não são novas, inocentes ou naturais. A partir de uma reportagem de revista estariam se processando “aprendizagens” sobre como ser mulher e mãe de jovens estudantes do sistema público de educação brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Marisa Cristina. SILVEIRA, Rosa Maria. A revista nova escola e a constituição de identidades femininas para o magistério. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *O magistério na política cultural*. Canoas: Ed. ULBRA, 2006. p.19-68.

GIROUX, Henry. Memória e Pedagogia no Maravilhoso Mundo da Disney. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em Educação*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 132-158.

HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart (org). *Representations and signifying produces*. London: Sage / Open University, 1997b. p. 1-74.

JOLY, Martine. *Introdução à Análise da Imagem*. Campinas: Papirus, 1996.

KELLNER, Douglas. *A Cultura da Mídia. Estudos Culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Baurú: EDUSC, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excentrico”. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana. *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 41-52.

MEYER, Dagmar Esterman. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana. *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 9-27.

VEIGA-NETO, Alfredo. Pensar a escola como uma instituição que pelo menos garanta a manutenção das conquistas fundamentais da modernidade. In: COSTA, Maria Vorraber (org). *A escola tem futuro?* -2.Ed.Rio de Janeiro, Lamparina, 2007. p:95–118.

WALKERDINE, Valerie. O raciocínio em tempos pós-modernos. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.20, n.2, pp.207-226, jul/dez.1995.

_____. Ciência, razão e a mente feminina. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.32, n.1, pp.7-24, jan/jun.2007.

Título		Autoria/instituição
Resumo		
Considerações Iniciais	Análise	
Análise	Por fim ...	
Referências Bibliográficas		